

# Técnica vocal para alunos com deficiência visual: um olhar sobre o desafio dessa prática no Grupo Esperança Viva (EMUFRN)

Thaise Cristina Marcelino Matias

UFRN

Thaise\_cris@yahoo.com.br

**Resumo:** O trabalho trata de um relato de experiência que se propõe a descrever duas aulas de técnica vocal ministrada para alunos com deficiência visual, no projeto Grupo Esperança Viva e a partir disso, compreender os recursos e estratégias de adaptação no aprendizado da técnica vocal para pessoas com deficiência visual. Dessa forma, buscou-se trazer essa *realidade de adaptação* para profissionais professores de música que lidam com o ensino do canto em seus vários contextos, principalmente, no que se refere à inclusão de pessoas com deficiência. Fazem parte do percurso metodológico as observações das aulas; referenciais teóricos sobre a deficiência visual, o grupo Esperança Viva e sobre a Técnica vocal; e entrevista com a coordenadora do referido projeto. Conclui-se que as propostas pedagógicas feitas pela professora de canto vêm contribuindo significativamente para que os participantes obtenham uma melhora na qualidade vocal. O ensino da técnica vocal pode ser efetivo também para alunos com deficiência visual, aplicando as adaptações pedagógicas para que eles possam compreender como lidar com seu corpo para aprimorar sua voz.

**Palavras chave:** Técnica Vocal. Deficiência Visual. Grupo Esperança Viva

## 1 Introdução

A voz é um elemento primordial para obtermos uma boa comunicação, está presente em atividades relacionadas à educação musical por meio do canto em práticas de ensino individual e coletivo. Por isso que, diferente dos demais instrumentos, a voz precisa de cuidados especiais, pois, dependendo de como a utilizamos, pode sofrer determinadas complicações pelo desgaste vocal. A técnica vocal nos dá suporte para a prevenção de possíveis danos à voz e, mais ainda, nos auxilia no processo de conhecimento do funcionamento do corpo para obtenção de uma voz saudável e de uma produção vocal de qualidade. O profissional que ensina técnica vocal precisa ter sensibilidade para saber qual público e quais as metodologias serão aplicadas para alcançar resultados satisfatórios. Assim, ao saber que iniciaria um trabalho de aulas de técnica

vocal para um coro de aposentados de uma instituição, percebi a necessidade de buscar mais suporte teórico para ampliar a eficácia dessa prática; principalmente sabendo que duas pessoas com deficiência visual integravam o grupo. Na minha busca, fui informada por meio da coordenadora adjunta<sup>1</sup> do Grupo Esperança Viva e de um dos professores<sup>2</sup> do projeto que os integrantes desse grupo estavam participando de aulas de técnica vocal. Dessa forma, observei duas aulas com a intenção de saber mais sobre estratégias e recursos metodológicos que estavam sendo empregados na aplicação da técnica vocal para um público com deficiência visual.

### **1.1 Justificativa**

Ao realizar uma revisão da literatura sobre técnica vocal, encontraremos exaustiva quantidade de livros, artigos, dissertações e teses; mas quando se trata da aplicabilidade da técnica vocal para pessoas com deficiência visual, essa gama de informação reduz-se consideravelmente. Sendo assim, este artigo lança um olhar sobre a prática pedagógica da técnica vocal voltada para o público com deficiência visual. Abordaremos aspectos metodológicos e as adaptações que foram realizadas por uma professora de canto na inclusão desses alunos nas aulas de técnica vocal, entendendo como pertinente trazer essa realidade de adaptação a profissionais professores de música que lidam com o ensino e aprendizagem do canto em seus vários contextos, principalmente, no que se refere a inclusão de pessoas com deficiência.

### **1.2 Objetivos**

Tem por objetivo geral, descrever sobre as aulas de técnica vocal para alunos com deficiência visual, no Grupo Esperança Viva. Quanto aos objetivos específicos: Registrar em anotações todo o percurso metodológico, a didática realizada, as adaptações feitas pela professora de canto; Descrever a didática proposta pela professora na transmissão das orientações de técnica vocal para os integrantes do grupo que possuem deficiência visual.

---

<sup>1</sup> A coordenadora adjunta Elizabeth Kanzaki.

<sup>2</sup> O professor MSc. Edibergon Varela Bezerra.

### 1.3 Metodologia

O presente trabalho trata de um relato de experiência que tem por objetivo, observar, descrever e fazer apontamentos sobre as aulas de técnica vocal para alunos com deficiência visual, no Grupo Esperança Viva. Foi utilizado referencial teórico sobre a deficiência visual, o Grupo Esperança viva e a técnica vocal; e a realização de entrevista via e-mail com a coordenadora do projeto de extensão Esperança Viva.

## 2 O ensino e aprendizagem da técnica vocal para pessoas com deficiência visual: atuação do projeto Esperança Viva.

Para podermos entender melhor o contexto onde estão sendo aplicadas as aulas de técnica vocal, abordaremos sobre a deficiência visual: suas causas e os possíveis procedimentos para ajudar esse público em sua aprendizagem. Em seguida, discutiremos sobre o Grupo Esperança Viva relatando um pouco sobre sua criação, as atividades que são desenvolvidas e de como aconteceu a adoção desta nova atividade [técnica vocal] que passa a ser ministrada para os integrantes do Grupo. Por fim, sobre a técnica vocal, do que se trata e sua importância.

### 2.1 Deficiência Visual

No Grupo Esperança Viva os participantes são deficientes visuais, dessa maneira, cabe elucidar sobre esse assunto.

[...] o termo cegueira não corresponde, obrigatoriamente, à *uma completa incapacidade para ver*, mas sim a *diferentes pessoas com variados graus de visão residual*. Daí a opção pelo termo deficiência visual que, além de mais brando, denota um leque de variabilidade clínica (ALONSO apud LOURO, 2012, p. 247-248. Grifo do autor).

Portanto, “*Deficiência visual é o termo para definir indivíduos que apresentem desde a ausência total da visão até a perda da percepção luminosa.*” (ALONSO apud LOURO, 2012, p. 247. Grifo do autor). Ela pode ser congênita ou adquirida e suas causas se dão de várias formas, a primeira pelas “*más-formações primárias do olho, glaucoma congênito, catarata congênita,*

*retinopatia da prematuridade, anóxia neonatal e as síndromes genéticas, que cursam com anomalias oculares.”* (ALONSO apud LOURO, 2012, p. 251. Grifo do autor). E a segunda, *“traumatismos oculares, ferimentos, vazamentos nos olhos, perfurações, processos degenerativos, alterações secundárias a quadros de hipertensão arterial, diabetes, sequelas de infecções oculares, entre outras, [...]”* (ALONSO apud LOURO, 2012, p. 251. Grifo do autor).

Bezerra (2012, p. 20) aponta que “Tanto a idade de aquisição da deficiência, quanto os níveis de perda visual, afetam o desenvolvimento e aprendizagem da pessoa com deficiência visual.” Por essa razão, “[...] é necessário a estimulação tátil-cinestésica (tato e movimento), auditiva, olfativa e gustativa, para que a aprendizagem possa ocorrer de forma enfática [...]” (LOURO, 2006, p. 41). A estimulação, a vivência são formas de possibilitar o deficiente visual para que ele consiga desenvolver-se no processo de aprendizagem. Sem essa prática o deficiente visual pode ter um

Comprometimento nas capacidades de associação, generalização e abstração; pode, ainda, apresentar imaginação muito pouco desenvolvida, criatividade limitada – por causa da falta de vivências práticas com seu corpo – e até mesmo problema de coordenação motora, de preensão manual e de postura (LOURO, 2012, p. 263).

A partir disso, iremos conhecer melhor o projeto Esperança Viva.

## **2.2 Grupo Esperança Viva**

Segundo Bezerra (2012, p. 26) “O Curso de flauta doce para pessoas com deficiência visual é um projeto de extensão realizado na Escola de Música da UFRN”. O projeto foi implantado em setembro de 2011 e a partir das apresentações solicitadas, em 2012, os alunos do projeto sentiram a necessidade de criar um nome para o Grupo. A sugestão do nome Grupo Esperança Viva partiu de um dos alunos argumentando que o curso proporcionou mais alegria e esperança a todos.

Bezerra (2012, p. 26) aborda que “o aluno tem a oportunidade de estudar além da flauta doce, apreciação musical, musicografia braile e percepção musical.” Porém, o projeto cresceu e a partir de 2014, os alunos com deficiência visual puderam ampliar ainda mais suas atividades

com aulas de violão, flauta transversal, contrabaixo elétrico, piano, acordeon e o canto. A ideia das aulas de técnica vocal partiu de observações feitas pela professora de canto ao assistir uma apresentação do Grupo Esperança Viva. Dessa forma, ela se ofereceu para realizar um trabalho de desenvolvimento vocal, postura e presença de palco. Assim, a intenção das aulas é de desenvolver a voz dos integrantes para as performances das canções nas apresentações trazendo mais liberdade e confiança (informação não-verbal)<sup>3</sup>.

## 2.2 Técnica Vocal

A nossa voz habita em um corpo e por essa razão, ela será única, individual e, como a impressão digital, será nosso elemento de identificação no mundo. Por essa razão devemos cuidar bem dela, e nos cercar de informações que possam nos ajudar a aprimorá-la, seja em qualquer fase da vida.

A técnica vocal nos possibilita compreender como o nosso corpo pode desenvolver-se em prol de uma qualidade vocal que esteja a serviço de uma produção vocal de qualidade, obtendo como resultado uma performance confortável para o intérprete, e bem apreciada pelo público.

Na visão da Baê; Pacheco (2006, p. 13) “[...] conhecer a produção da voz e ter o domínio da técnica vocal é importante para todos os que cantam independentemente do estilo escolhido”. Em especial,

[...] aos principiantes é preciso dar informações sensoriais e vibratórias, através de exercícios e de procedimentos complementares, que permitam as coordenações musculares que agem diretamente sobre a respiração e ao mesmo tempo sobre os órgãos vocais e articulatórios (DINVILLE, 2008, p. 15).

Portanto, dentre os mecanismos aprimorados na técnica vocal compartilhado pelas autoras Baê; Pacheco (2006) e Dinville (2008) foca-se bastante na questão da respiração, na noção do apoio, ressonância, articulação e vocalises.

---

<sup>3</sup> Informações fornecidas pela coordenadora do projeto Esperança Viva profª MSc. Catarina Shin Lima de Souza em entrevista concedida a autora, via e-mail, em 25 de março de 2016.

As técnicas e exercícios vocais aplicados podem contribuir para a conscientização sonora, desenvolvimento e aperfeiçoamento do canto individual e coletivo, desde o processo respiratório até a projeção vocal. (AZEVEDO, 2015, p. 03)

Dessa forma, não resta dúvidas de que a técnica vocal realmente possibilita que a produção vocal seja realizada de forma saudável e com qualidade.

### 3 Aulas de técnica vocal no Grupo Esperança Viva: observação das aulas.

As aulas ocorreram nos dias 14 e 28 de março de 2016 em uma das salas da instituição das 11:00 às 12:00 horas. A faixa etária dos integrantes do Grupo varia entre 30 e 66 anos e fazia pouco tempo que a professora de canto vinha realizando as aulas, sendo a aula do dia 14 a terceira (informação não-verbal)<sup>4</sup>. Abaixo descreveremos as atividades realizadas.

A professora de canto pede para que eles fiquem de pé e dá as boas vindas ao Grupo aproximando-se de cada um tocando-os e falando *bom dia*. Ela inicia com atividade de respiração onde se utiliza do som das consoantes [s], [x] e [f]. O objetivo é trabalhar o *apoio* muscular que propiciará “a instalação de padrão respiratório adequado (costo diafragmático abdominal)” (BAË; PACHECO, 2006, p. 20). A orientação é que cada aluno pusesse suas mãos na altura da sua cintura *sentindo a movimentação da musculatura que cobre as costelas*, e a cada som, emitido com duração curta, se faça um “impulso muscular” (informação verbal)<sup>5</sup> mexendo essa região com movimentos de expansão e contração.

Alguns alunos por não estarem presentes na aula anterior apresentavam uma certa dificuldade em realizar esses movimentos corporais. Dessa forma, a professora dava uma atenção individual, pedindo para que o aluno pusesse as mãos dele em sua estrutura intercostal [músculos que cobrem as costelas] para que eles percebessem, na prática, como funcionava esse mecanismo. Após a execução com os sons [s], [x] e [f] emitidos com duração curta, a professora

<sup>4</sup> Informação não-verbal fornecida pela coordenadora do projeto Esperança Viva prof<sup>a</sup> MSc. Catarina Shin Lima de Souza em entrevista concedida a autora, via e-mail, em 25 de março de 2016.

<sup>5</sup> Informação verbal fornecida pela prof<sup>a</sup> de canto Esp. Cláudia Roberta de Oliveira Cunha, em Natal/RN, em 14 de março de 2016. Professora de Técnica vocal do Projeto Esperança Viva.

pediu para que eles inspirassem pelo nariz em um tempo e soltassem o ar prolongadamente pela boca com o som de [ts]. Assim, de forma bem gradativa ela aumentava o tempo de duração do som, exemplo: 5 segundos, depois, 10 segundos, realizando a contagem em voz alta para que todos em conjunto iniciassem e finalizassem ao mesmo tempo.

Vendo que alguns alunos ainda apresentavam dificuldades de percepção da atuação dos músculos intercostais na respiração, ela pede para que todos façam uma fila indiana, um de frente para o outro, e que posicionem as duas mãos na cintura do componente a sua frente, tocando as costelas inferiores. Dinville (2008, p. 39, Grifo nosso) diz que

O ar que chega aos pulmões por via nasal provoca um alargamento da cavidade abdominal que avança ligeiramente, assim como o grande reto na sua descontração. Ao mesmo tempo as **costelas inferiores se abrem lateralmente** e mobilizam os músculos da região paravertebral. Como consequência, estes movimentos provocam: o abaixamento do diafragma, o alargamento vertical e transversal da caixa torácica e possibilitam uma respiração ampla e profunda.

Para condicioná-los a obter esses movimentos de forma sincronizada durante a emissão ao executar os sons [s], [x] e [f], a professora batia palma numa pulsação em que eles pudessem realizar o impulso muscular e sonoro em conjunto e uniforme. Porém, houve uma dificuldade dos componentes em manter essa sincronia de, ouvir a palma e ao mesmo tempo realizar o impulso muscular para a realização da emissão sonora curta das consoantes. Alguns acabavam prolongando demais o som.

Dando continuidade, ela inicia um outro momento da aula com os exercícios de vocalização. Ela pede para que todos deem as mãos e realizem o movimento do braço, elevando-o gradativamente, de baixo para cima, de acordo com o fluir da melodia ascendente – descendente. Primeiro ela realiza uma demonstração prática do gesto com todos executando, e em seguida, cantando à *capella* em graus conjuntos as notas – sol, fa, mi, re, do – em compasso quatro por quatro com a sílaba [mô].

Dessa forma, ela vai modulando no piano o exercício vocal e eles vão fazendo o gesto com o braço e emitindo o som. Inicialmente, ela os conduz falando o momento exato de inspirar até que eles acabam se acostumando com o local correto e assim, ela deixa de falar o *momento*



*exato de inspirar*. Percebe-se que uns atingem a altura correta das notas, conseguem cantar o percurso melódico ascendente/descendente sem baixar a afinação. A compreensão movimento corporal auxilia nesse quesito, mesmo assim há outros integrantes que não possuem tal facilidade. Percebe-se que alguns integrantes possuem características na emissão em que nota-se um desconhecimento de como obter uma boa colocação - empostação vocal - concentrando assim sua projeção na *garganta*.

Vendo essa dificuldade, a professora aborda a questão da ressonância que é fundamental para a obtenção de uma qualidade vocal sem esforço laríngeo [região da garganta]. Segundo Behlau e Rehder (2009, p. 8) há diferenças entre a ressonância e projeção vocal na voz falada e na voz cantada. Na primeira, “A ressonância é geralmente média, em condições naturais do trato vocal, sem maior uso de uma ou outra cavidade, pois [...] não há necessidade de grande projeção vocal [...]”. Já na voz cantada “A ressonância é geralmente alta, dita ‘na máscara’, o que indica que o foco ressonantal concentra-se na parte superior do trato vocal”. Assim, consegue-se “uma maior projeção vocal”.

A partir disso, a professora pede para que eles inspirem pelo nariz, e sintam o ar preencher toda a região superior da face. E para exemplificar melhor, toca na face de cada aluno com os dois dedos indicadores a partir da ponta do nariz e vai contornando o rosto deles fazendo o formato da *máscara* dizendo: “Essa é a caixa de ressonância principal da gente” (informação verbal). Logo após, sentados, ela pede para que todos ponham a mão cobrindo a garganta e que simulem o gesto de dizer a letra [a], mas sem reproduzir o som. Em seguida, que eles reproduzam o som da vogal [a] e percebam o ar penetrando nesta região [da garganta] ocasionando a vibração.

Dessa maneira, esclarece que, a vibração realizada pela garganta precisa dessa caixa de ressonância [máscara] para poder soar. Para reforçar mais ainda a sensação de participação desses recursos, agora na postura ereta, pede para que eles toquem a face, próximo do nariz, sem pressão, e com a sílaba *hum* cantem junto com o piano uma sequência de notas em graus conjuntos [do, re, mi, re, do] e os questiona: *Percebem como vibra aí?* (informação verbal) E assim, segue com o vocalise, modulando e indicando com a fala *inspirou* para que eles



inspirassem no local correto. O desempenho deles foi bem satisfatório, a afinação e projeção vocal melhorou consideravelmente.

Dando prosseguimento, a professora pede que eles emitam a sílaba *rô*. Ela lembra que “a boca deve estar em formato de bico, trabalhar bem essa musculatura” (informação verbal) e vai individualmente exemplificar com o tato como fazer esse formato da boca com o som. Ela pega nas mãos do aluno e as direciona para o seu próprio rosto para que se perceba o tônus da musculatura facial apropriado para a emissão. Após a exemplificação, ela toca uma sequência de terças para serem cantadas com essa sílaba, pede para que só os rapazes cantem, depois só as moças e em seguida todos. Nesse exercício houve uma dificuldade inicial em executá-lo, principalmente nos quesitos altura e articulação da sílaba, que ocasionalmente, comprometia o andamento. Provavelmente porque tratava-se de um vocalise com intervalos disjuntos, nessa situação há necessidade de uma mecânica gestual mais precisa e flexível para atingir as notas. Mas, após algumas repetições, eles conseguem amenizar tais pontos e realizam satisfatoriamente os exercícios.

Assim, ela finaliza a aula com uma nova sequência de vocalise com as sílabas, má, mé, mi, mô, ma, mé, mi, mô, mu com uma escala de cinco sons. Realizando-o como cânone dividido em três grupos. Para fazer com que cada grupo entrasse no tempo certo, ela falava: “Grupo 1”; “Grupo 2”; “Grupo 3” (informação verbal). Portanto, percebeu-se que eles já estavam bastante entrosados, com um som mais integrado, realizando no pulso e andamento com o piano e articulação precisa das sílabas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conteúdo de que trata a técnica vocal nos possibilita realizar ações corporais que integram exercícios de respiração, ressonância, articulação e vocalises. Porém, para transmitir tais conhecimentos para um público com deficiência visual é necessário a realização de adaptações que permeiam principalmente a condução oral e o tato.

Foi notado que alguns integrantes do grupo demonstravam muitas dificuldades em sincronizar as várias ações musculares da respiração, ressonância e articulação, talvez devido à falta de estímulos corporais adequados durante sua vida.

As principais adaptações realizadas foram: A exemplificação pelo tato dos conceitos teóricos. A formação de uma fila onde os componentes tocavam nas costelas inferiores do integrante a sua frente; elevação do braço ao cantar a melodia ascendente/ descendente; tocar no rosto dos integrantes mostrando o local da caixa de ressonância (máscara); indicar com a fala o momento exato de se inspirar na execução do vocalise; perceber a importância da musculatura facial para articulação das vogais e sílabas na emissão, tocando em sua própria face e também no rosto da professora para perceber melhor o tônus muscular referente a musculatura na emissão das sílabas do vocalise.

Essas propostas pedagógicas vêm contribuindo, significativamente, para que os participantes obtenham uma melhora na qualidade vocal. Apesar de muitos métodos ou técnicas não terem sido pensadas para um público com deficiência, elas são perfeitamente aplicáveis. E caso seja necessário, basta que adaptemos algumas informações para que eles possam compreender de forma mais prática, como lidar melhor com seu corpo para aprimorar sua voz.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Acenísia Rodrigues Souza de. Aplicações de Técnicas e Exercícios Vocais para o Aprimoramento do Canto Individual e Coletivo: um relato de experiência sobre as práticas profissionais em múltiplos espaços musicais. CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 12., 2015, Natal/RN. *Anais...* Natal: ABEM, 2015.

BEZERRA, Edibergon Varela. *Ensino de música para pessoas com deficiência visual: a flauta doce como instrumento de inclusão*. Nov. 2012. Disponível em: <<https://monografias.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1113>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

BEHLAU, Mara; REHDER, Maria Inês. *Higiene vocal para o canto coral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, c2009.

BAÊ, Tutti; PACHECO, Claudia. *Canto: equilíbrio entre corpo e som: princípios da fisiologia vocal*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2006.

DINVILLE, Claire. *A técnica da voz cantada*. Tradução: Marjorie B. Courvoisier. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2008.

LOURO, Viviane. *Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência*. São Paulo: Som, 2012.

LOURO, Viviane dos Santos. *Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas*. Col. Luís Garcia Alonso, Alex Ferreira de Andrade. São José dos Campos, SP: Ed. Do Autor, 2006.